Camilo Castelo Branco

O Morgado de Fafe Amoroso

Teatro

O MORGADO DE FAFE AMOROSO

CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

PERSONAGENS

MORGADO DE FAFE.

JOÃO ALVARES.

BERNARDO DA GAMA.

PÔNCIA DO ROSÁRIO.

HEITOR FALCÃO.

BERNARDO FALCÃO.

D. VICÊNCIA.

QUATRO SUJEITOS.

UM CRIADO DE HOTEL.

ROMEIROS E ROMEIRAS.

UM TOCADOR DE REALEJO.

A cena passa-se na Foz do Porto em 1862

ACTO I

Vista de sala com seis portas laterais e janelas

CENA I

JOÃO ALVARES e PÔNCIA

(João Alvares anda, pé ante pé, espreitando à fechadura das portas laterais. Traja um rob-de-chambre, e lenço branco atado à cabeça).

PÔNCIA, entrando por uma das portas da direita

Credo!... O Sr. João anda assim vestido à fresca! Isso é feitio! Olha que preparo!... Valha-o Deus! Suou três camisas, e pranta-se aí com o cadáver ao ar!...

JOÃO

Diz bem, tia Pôncia. Isto já não é senão um cadáver, lançado à margem, e exposto aos corvos e abutres das paixões carnívoras.

PÔNCIA

Que está aí a alanzoar o Sr. João? Vá-se vestir, ande! Agasalhe-me esse peito, que eu vou dizer ao estalajadeiro que lhe dê de almoçar. É preciso comer!... Leve o demo as paixões que o puseram na espinha!

JOÃO

Comer, tia Pôncia! O que é comer sobre a face da terra, quando a vida vegetal paralisou! O meu alimento é o absinto das lagrimas! Sou o Ugolino da fome do espirito, o Tântalo, o Prometeu devorado pelo incessante abutre!

PÔNCIA

Que bruto está aí a dizer! A apostar que lhe fizeram alguma os brutos cá da Foz! Eu sempre tive zanga a esta gente! Pois o estalajadeiro! Isso então é um roubar sem dó nem consciência!

JOÃO

Não me fale nas misérias da vida. Ouça o que eu lhe digo...

PÔNCIA, lançando-lhe aos ombros um xaile de baeta amarela

Pois, sim; mas agasalhe-se... Ora, diga lá. Bacoreja-me que temos patavinice de namoricos... Queira Deus que não esteja por aí alguma como a Felizarda do outro ano que lhe pós o sal na moleira...

JOÃO

Tia Pôncia! Há uma mulher que não pertence a este mundo.

PÔNCIA

Coitadinha! Foi por ela que tocaram ontem os sinos a defuntos? Então, rezemos-lhe por alma.

JOÃO

Não me corte o discurso! Esta mulher vive.

PÔNCIA

Ah! sim? Ainda bem; ainda bem!

JOÃO

E vossemecê a dar-lhe! Ouça, e fale quando dever responder. Esta mulher veio ontem à noite de Guimarães, com o morgado de Fafe, e deve estar num destes quartos.

PÔNCIA

Será ela a dona da cabra branca, que me não deixou dormir?!

JOÃO

É a mesma; é a dona da cabra branca. Que imensa poesia tem aquele amor à cabra! Se vossemecê a visse, como eu a vi, a contemplar as estrelas do céu...

PÔNCIA, benzendo-se

A cabra?! Credo!

JOÃO

A dona, mulher, a dona é que, à uma hora da noite, andava no terraço contemplando o céu.

PÔNCIA

À uma hora da noite uma menina no terraço a ver o Sete-Estrelo! isso é bruxedo! Cruzes, canhoto! Terá ela fadário?

JOÃO

Fadário tem vossemecê de toleima! Vive comigo há tantos anos, e parece que está cada vez mais tapada, tia Pôncia!

PÔNCIA

Tapada, eu! Eu tapada porque lhe digo as verdades, Sr. João! Não lhe disse eu que a Felizarda era uma trapalhona que lhe dava volta ao miolo? Quando o Sr. Joãozinho andava atrás da filha do letrado, não lhe disse eu que a rapariga, ás duas por três, se lhe aparecesse brasileiro, era como se nunca nos víssemos, passe por cá muito bem?! E agora queria que eu lhe dissesse mundos e fundos de uma tola que anda pelo mundo com uma cabra atrás dela, e vai à uma hora da noite pôr-se assim de boca aberta a olhar para os planetas? (Faz o gesto indicado nas palavras) Deixe-me benzer, e Deus me tenha da sua mão, e mais ao Sr. Joãozinho, que o vi nascer, e desde que anda por cá desencabrestado arranja sempre enguiço que o tolhe. Sabe que mais, Sr. João? Coma, e beba, e tome os seus banhos que é ao que veio; e mais, leve o diabo, Deus me perdoe, as mulheres, e, quando houver de casar, arranje filha de lavrador, que saiba amanhar a vida, e não olhe para estas fuinhas da cidade, que parecem mesmo o pecado!.. Uma raparigaça de uma vez é a fidalga de Amarante. Aquilo sim! Que cor de saúde, que braços, que ilhargas! E depois, disse-me a criada que lá em casa matam dez sevados cada ano! Porque não há de o menino perder o seu tempo com

uma rapariga assim!... Dez cevados por ano! E é fidalga para além do mais!

JOÃO

Cale-se, que me embrutece! Eu posso lá amar uma mulher que almoça presunto assado, e é estúpida como a couçoeira de uma porta?! O meu coração tem aspirações delicadas... Eu quero a mulher-espirito, a mulher-poesia, a mulher-génio, a mulher-sonho...

PÔNCIA, tirando do debrum do colete uma figa de azeviche

Ó Sr. Joãozinho, quer sim quer não, faça-me o favor de pendurar ao pescoço esta figa de azeviche! O menino tem coisa ruim no corpo!

VOZ, DE FORA

Ó João!

JOÃO

Entra, Bernardo.

PÔNCIA

Aí vem o extravagante!... Olhe se vem almoçar, menino, e não esteja a ouvir os conselhos do estroina. (Sai).

CENA II

JOÃO ALVARES BERNARDO DA GAMA

JOÃO

E então? Vens de Lessa, está claro. Perdeste?

BERNARDO

Como sempre, com mais alguma coisa nova para ter que contar. Perdi o dinheiro que levava, o cavalo que me levou, o relógio que vendi, e a cadeia que ainda não tinha pago. Isto é bonito! Sabes tu que, ali no castelo do Queijo, deram-me venetas de atirar ás ondas com esta vida diabólica?

JOÃO

Isso era uma tolice!

BERNARDO

Com que frieza tu recebes um homem aflito!... Quem me dera ser o que tu és, João?

JOÃO

E que achas tu que eu sou?

BERNARDO

És um rapaz de juízo. Tens um cavalo velho e magro, uma casinhola em Cabeceiras de Basto que te rende doze carros de milho, e quinze pipas de vinho verde, e vives feliz!

JOÃO

Não tanto como te persuades, porque tenho aqui dentro (com a mão no peito) uma coisa que me incomoda.

BERNARDO

O coração?!

JOÃO

Sim: este músculo que é o maior aleijão que o Criador podia dar ao homem. Se soubesses o que por cá vai desde ontem!... Mas tu não estás para ouvir o primeiro capítulo do meu último romance... Paliemos de ti. Casa-te rico.

BERNARDO

Algumas vezes me tem lembrado essa asneira salvadora, mas sou tão infeliz que receio tornar-me ridículo se a tentar.

JOÃO

O susto é que é ridículo...

CENA III

OS MESMOS e PÔNCIA

PÔNCIA

Está o almoço no quarto a arrefecer: venha daí, menino. (Sai).

JOÃO, a Bernardo

Anda almoçar comigo, e cá falíamos. Tu já viste a D. Hermenegilda?

BERNARDO

Já.

JOÃO

Vamos falar largamente de D. Hermenegilda. É a mulher que te convém. (Saem).

CENA IV

O morgado de Fafe, D. Vicência Pimentel, com a cabra, D. Hermenegilda Falcão, Heitor Falcão

HEITOR Falcão, como se viessem conversando de fora

Grande alegria me deu a sua vinda, primo morgado!... Esta senhora é que eu não conhecia. (As duas senhoras estão afagando a cabritinha).

MORGADO, ao ouvido de Heitor

Tem grande pancada na mola!

HEITOR, o mesmo

Também me quer parecer.

MORGADO, alto

O primo Heitor Falcão havia de conhecer o doutor Pimentel da casa das Lagariças?

HEITOR

Ouvi falar desse doutor.

MORGADO

Pois a Sra. D. Vicência é viúva do tal doutor, e veio de Guimarães na minha honrosa companhia.

D. VICÊNCIA, à parte a D. Hermenegilda

Na honrosa companhia dele!... O homem é parvo!...

BERNARDO, com ar estúpido

Quem? o primo morgado de Fafe?

D. VICÊNCIA, à parte

Ela é tão parva como ele!... Com que gente eu estou relacionada!... (Vai fazer festa a cabra).

MORGADO, à parte a Heitor

O demónio da cabra deu-nos um trabalhão! Imagine o primo, aquela bruta dentro da diligência a dar marradas nos joelhos da gente!..

HEITOR

Então a mulher é doida! Pois ela vinha a dar cabeçadas?!... seria com sono...

MORGADO

Eu falo da cabra, não é da viúva.

HEITOR

Ah! já percebo! Pois pudera! A cabra na diligência!

D. VICÊNCIA, a um criado que avista tio corredor

Ó homem! dê-me de almoçar à Dejhali: sopinhas de leite, ouviu? leve com modo a Dejhali. (O criado leva a cabra).

HEITOR

O quê? como diz ela à cabra?

MORGADO

Acho que é deixa-a ali. Eu pergunto-lhe. A Sra. D. Vicência, como é que a Sra. diz à cabrita?

D. VICÊNCIA

Dejhali.

MORGADO, a Heitor

Vê? Deixa-a ali.

D. VICÊNCIA

Deixa-a ali, não, De-jha-li. Ainda que eu lhes queira explicar o nome, os senhores decerto não leram a Notre Dame de Victor Hugo. (Os dois encaram-se com ar de estúpida zombaria).

MORGADO, a meia voz

Ainda a quer mais atolambada?

HEITOR, o mesmo

É daquela casta!

D. VICÊNCIA, a D. Hermenegilda

A menina sabe francês?

BERNARDO, com o seu permanente ar de lorpa

Eu!... eu sei cá isso!

D. VICÊNCIA, a Heitor

Porque não manda ensinar francês a sua filha?

HEITOR, rindo boçalmente

De que serve isso? Os meus avós morreram muito velhos sem saber francês. Que leve o diabo os franceses! Quando estiveram em Amarante, no tempo do Silveira, arrasaram-me a casa. E a senhora sabe falar francês?

D. VICÊNCIA

Sei, e falava sempre francês com o meu marido.

MORGADO, a Heitor, espantado

Nilo se admire que lá em Lisboa, onde eu estive há quatro anos, as famílias, falavam em francês como se estivessem em França. Eu ia lá a casa de um barão, que me quis

impingir a filha, e tanto ela como a mãe, ás duas por três, começavam a taramelar em francês. E olhe que eu ainda andei a estudar um bocado de tal língua; mas a falar-lhe a verdade, nem para traz nem para diante. Ó Sra. D. Vicência, fale lá um todo-nada de francês para o primo Heitor ouvir. É língua levada da breca! Ora vá lá, diga alguma coisa...

D. VICÊNCIA, rindo

Que hei de eu dizer?... *Vous etes un sot, et votre cousin est un sot pareil, n'est ce pas vrai?*

HEITOR

É verdade: tem deanho o tal palavreado! Com efeito!

MORGADO

Eu não lhe disse, primo? Ora diga lá isso em português? (A D. Vicência).

D. VICÊNCIA, que continua a rir

Eu disse que v. exa. e o seu primo são dois cavalheiros estimáveis.

MORGADO, com desconfiança

Isso são favores.

HEITOR, à parte ao morgado

Olhe que ela está a gozar connosco.

MORGADO

Também me parece.

D. VICÊNCIA, a Hermenegilda

Então a menina não estudou nada?

BERNARDO

Eu sei ler nos livros.

D. VICÊNCIA Ah! A menina tem livros?

BERNARDO

Tenho alguns.

D. VICÊNCIA

Romances da Biblioteca económica, talvez...

HEITOR

Não, senhora, ela não tem disso. A minha filha não lê romances. É peste que me não entra em casa. Lá na Amarante as cabras não tem nomes estrangeiros.

MORGADO

Chamam-se cabras.

HEITOR

Sem tirar nem pôr: é como diz.

D. VICÊNCIA, sorrindo

Mas os romances não servem somente para dar nomes ás cabras.

HEITOR

Então de que servem? De estragar a mocidade. A minha amiga, mulher que lê novelas, diz lá o doutor da Portela de baixo, que não dá boa saída.

MORGADO

Isso é assim. Em Lisboa, quando eu lá estive há quatro anos, andava tudo corrompido por causa das novelas, segundo ouvi dizer. As gazetas, primo Heitor, davam todos

os dias a notícia de fugirem as filhas aos pais, e os maridos ás consortes, por causa das novelas. A polícia não tinha mãos a medir atrás dos que andavam a estragar o género feminino com as novelas!

HEITOR

Que horror, primo!

D. VICÊNCIA, rindo

E o género masculino também estava assim derrancado?

MORGADO, à parte

Está sempre a rir-se o manfarrico da mulher!

HEITOR, o mesmo

O que eu não sei e como você a aturou de Guimarães até ao Porto.

CENA V

OS MESMOS, PÔNCIA

PÔNCIA

Deus lhe dê bons dias.

MORGADO, alegre

Olha a Pôncia! Já sabia que está cá o teu amo. Como vai ele?

PÔNCIA

Anda encatarrado; mas, se Deus quiser, não há de ser nada; e v. S.A. como lhe vai?

MORGADO

Rijo como aço. Esta boa velha é a governanta do meu amigo João Alvares de Freixedo, do concelho vizinho lá do meu. Aquilo é que é um romântico, como lá dizem em Lisboa! Ele agora tem mais juízo, Pôncia?

PÔNCIA

Deus louvado tem que farte para se governar.

MORGADO

Aquilo com senhoras é um doido da primeira ordem. Se ele visse uma senhora que eu cá sei... (Relanceai os olhos a D. Vicência). Ficava logo sem saber de que freguesia era. Onde está ele?

PÔNCIA

Está lá no seu quarto.

MORGADO

Deixa-me ir vê-lo.

HEITOR

Nós vamos almoçar também. Anda daí, Hermenegilda.

CENA VI

OS MESMOS, UM CRIADO

CRIADO

Está o almoço no quarto do Sr. Heitor. O Sr. morgado de Fafe quer o almoço no seu quarto?

(Heitor sai com a filha).

MORGADO

Leve-mo para o quarto do Sr. João Alvares. (Sai).

CRIADO, a D. Vicência

E Vossa Exa onde quer o almoço?

D. VICÊNCIA Aqui mesmo. A cabrinha comeu?

CRIADO

Sim, minha senhora.

D. VICÊNCIA

Traga-ma.

CENA VII

VICÊNCIA E PÔNCIA

PÔNCIA

V. Exa. ainda que eu seja confiada, é que é a dona da cabrinha?

D. VICÊNCIA

Sou.

PÔNCIA

Por muitos anos e bons. Pois minha senhora, eu sou atreita a umas enxaquecas aqui (pondo a mão tia nuca) salvo tal lugar, e passo noites inteiras sem pôr olho. Esta noite estive eu que já não sabia onde tinha a cabeça, e quando ás quatro horas da manha ia a cair assim, assim, assim, numa

madorna, eis que pega a estropiar por cima de mim, no teto, uma coisa que me não deixou mais fechar as selhas.

D. VICÊNCIA

Fechar as selhas! Que algaravia! Que são selhas?

PÔNCIA

As selhas dos olhos; pois isto como se chama? (Arregaçando as pestanas.)

D. VICÊNCIA, rindo

Ah! Isso são selhas?

PÔNCIA

Seja lá o que v. Exa quiser: o caso não é para rir.

(O criado vem entrando com o tabuleiro do almoço, e a cabra puxada por um cordão de seda).

PÔNCIA

Aqui está o tal bicho que me não deixou pôr olho!

D. VICÊNCIA

Dejhali, vem cá, Dejhali... viens ici; est ce que tu as déjeuné ton lait? Ma chérie Dejhali; donc moi ton joli museau... Ó mulherzinha, vossemecê não gosta da minha Dejhali?

PÔNCIA

Ela dá leite?

D. VICÊNCIA

Que pergunta? Pois a minha cabrinha há de dar leite?

PÔNCIA

Então isso de que serve? A senhora anda com esse brutinho atrás de si pelo mundo?

D. VICÊNCIA, está almoçando

Ando, sim; e que tem? É a minha amiga única.

PÔNCIA

A cabra!? Ora essa! Não me faltava ver mais nada! Pois a senhora não acha uma pessoa cristã e batizada que seja sua amiga?...

D. VICÊNCIA

Não quero amizades da minha espécie. Os irracionais são os entes mais agradecidos que fez o Criador. Toma, Dejhali! (Dá-lhe um bolo).

PÔNCIA

Louvado seja o Senhor! A dar docinhos à cabra!...

Pois, minha senhora, eu tenho a pedir-lhe um favor a respeito cá da sua amiga.

D. VICÊNCIA

Que quer a mulherzinha?

PÔNCIA

Eu não sou mulherzinha: sou Pôncia para a servir. () que eu quero é pedir-lhe o favor de não dormir com a cabra no mesmo quarto. A senhora mora por cima de mim, e eu moro por baixo da senhora e da cabrinha. Ora o Berzabum da bruta esteve toda a noite a coçar-se, e não me deixou fechar olho...

D. VICÊNCIA

Já sei essa história; mas não sei que lhe faça. Diga ao dono do hotel que me mude a mim, ou mude a vossemecê: a

minha cabrinha não sai de ao pé de mim.

PÔNCIA

Mas eu pensava que as estalagens na Foz não eram curral de gado. Pelos modos, quem for amigo único de um porco ou de uma vitela pode meter no quarto os seus bichos!...

D. VICÊNCIA, erguendo-se pura sair

Sabe que mais, mulherzinha? Eu não estou para a aturar.

PÔNCIA

Olhe, minha senhora...

D. VICÊNCIA, voltando o rosto

Que é?

PÔNCIA, com um dedo na testa

Deus lhe dê miolo. Ninguém é pobre senão de juízo.

D. VICÊNCIA

Estúpida! (Sai).

PÔNCIA

Valha-te a breca!... e o meu amo a dar cavaco por esta lambisgoia! Ora a gente, cá por este mundo, sempre topa com cada pantomineira!

CENA VIII

JOÃO ALVARES, BERNARDO DA GAMA E PÔNCIA

JOÃO

Que é isso, Pôncia? Vossemecê está com cara de zanga! Que lhe aconteceu?

PÔNCIA

Não sei o que aconteceu, Sr. João... O que sei é que, se a cabra não sair lá de cima, eu já aqui não fico esta noite... Bote lá as suas contas como quiser...

JOÃO

Tem um génio endiabrado; mas é a criatura mais necessária à minha vida... (Mudando de tom). Mas dizia-te eu, meu caro Bernardo, que a experiencia ainda te não

amadureceu quanto é necessário para viver neste mundo. Ridículo só conheço um homem neste planeta: é o que não tem dinheiro. As tentativas, que se fazem, para alcançar o dinheiro são sempre serias, heroicas, e épicas. Se fizeres a corte a uma rapariga rica, riem de ti os zombeteiros candidatos à rapariga rica; mas esse riso só pode ser-te penoso, se a mulher te não indemnizar com o sorriso dela. Conheço enormíssimos alarves que tentaram, e prosperaram. Quando um homem diz de si para si «hei de casar rico, apesar de todos os contratempos» casa rico. O primeiro passo a dar é convencer-se um homem de que a vergonha é uma excrescência que nos molesta, e deve ser amputada da consciência, como quem corta um calo. O segundo, é procurar a mulher através de todas as torpezas, como o mineiro procura o oiro através do saibro e do lodo. O terceiro, é levar com a porta na cara, e ficar com a cara voltada para outra porta. O quarto é teimar. O quinto, é teimar. O sexto...

BERNARDO

É teimar. Tenho entendido. Mãos à empresa. Cobrei espirito novo. Dentro de um ano hei de estar casado com mulher rica, bonita, inteligente, virtuosa....

JOÃO

Alto lá! Isso é muita coisa. Assim também o Bocage a queria para um assumpto de uma décima, e disseram-lhe que não! Observa tu que nem para dez versos há isso tudo junto! Rica? de acordo: isso é possível. Inteligente? Isso não tira nem dá. Há opiniões a esse respeito; mas eu não tenho nenhuma; porém, sempre te direi que não é bom que a esposa conheça que entre homem e mulher há igualdade de direitos. Formosa? Pieguice e contrassenso! Mulher formosa é sempre a mesma coisa, e aos olhos do marido perde pouco a pouco o prestígio da beleza. Mulher feia, com a continuação da convivência, vai perdendo a fealdade, e chega a parecer galante. As mulheres feias tem inspirado ardentíssimas paixões. Dizem que elas têm uma compensação de graças que vão lavrando raízes no coração. Eu não sei se é no coração, se no fígado: o que posso asseverar-te é que tenho visto mulheres formosas

apagarem muitos incêndios, e as feias atearem-nos. Dido, Helena, e Cleópatra dizem que foram lindas mulheres por terem apaixonado Éneas, Páris e António. O que decerto se não sabe é se eram feias. Em quanto a virtuosa, meu caro Bernardo, a esse respeito tinha eu muito que dizer; mas os discursos são o espantalho da ação. A mulher que te convém é Hermenegilda, a filha de Heitor Falcão.

BERNARDO

Pois achas que está no caso?

JOÃO

Muito no caso.

BERNARDO

Mas não ouviste ainda agora dizer o morgado de Fafe que gostava dela?!

JOÃO

Tu não tens vergonha de recear a concorrência com o morgado de Fafe?! Aquilo é homem que possa assustar nenhum rival!?

BERNARDO

Homem! tu pareces-me menos conhecedor do coração humano do que supões!

JOÃO

Cala-te aí, tolo... Ele aí vem com ela!... Repara-me bem naquele corpo!... Olha..

CENA IX

Os MESMOS, HERMENEGILDA, HEITOR e MORGADO

MORGADO

Vamos esmoer o almoço por essas praias fora. Estes ares do mar não deixam parar a comida no bucho! (Vai a uma janela lateral). Olhem vocês como é grande o mar!... (Recua contemplativo). Oh! ninguém entende o que isto é!.. Como se faria o mar? porque será que o mar cresce e minga? Quantas pescadas haverá no mar? A gente sempre a comer peixe, e nunca st; acaba!... Expliquem lá isto!... Lá vai a passar um vapor... Sempre os homens tem ideias! Pelos modos, o que faz girar as rodas é o fumo do carvão. Uma coisa assim! Olha, olha, como ele vai depressa!... Aquilo é que é!... Ó Sra. D. Hermenegilda, gosta de ver o mar? (Mavioso).

BERNARDO (lorpa)

É muito grande; tenho medo ás ondas. Afoga-se lá muita gente?

MORGADO

Quando acontece, afoga; mas agora diz que se in-, ventou uma engenhoca, que não deixa ir a gente ao fundo.

JOÃO

É o colete de salvação.

MORGADO, fazendo trejeito de quem enche o colete de salvação

E sopra-se-lhe para dentro?

JOÃO

Certamente.

BERNARDO

Ah! Sopra-se-lhe?! Mas eu quando tomo banhos no rio não posso soprar debaixo de água.

MORGADO

Pois o sopro é cá fora, menina.

JOÃO, à parte a Bernardo

Olha que dialogo aquele! Vê tu que duas alimárias!

BERNARDO, o mesmo

É impossível que a natureza os não una!... Perdi as esperanças...

MORGADO, a Hermenegilda

A priminha não leva luvas? Cá reparam nisso.

BERNARDO

Eu tenho umas, que comprei cá no ano passado: lavei-as, quando estava para vir, e a pele encolheu; encarquilhou-se toda.

HEITOR

Compram-se outras, Hermenegilda; vamos lá à tenda compra-las.

MORGADO, indicando o chapéu de Hermenegilda

Ó primo Heitor, olhe que estas barretinas já se não usavam em Lisboa quando eu lá estive há quatro anos. A filha do barão de Caçurrães tinha uma muito mais pequena, assim com umas orelhas aqui (indicando) e uma coisa assim a modo de bambinela aqui por traz.

HEITOR

Ora! deixe-se disso! Uma barretina quer-se assim grande para tirar o sol da cara.

MORGADO

Não, senhora. A priminha há de comprar outra cartola à moda de Lisboa. Quer? a minha menina quer outra barretina?

BERNARDO

Eu... como o outro que diz... não se me dava. Já a D. Vicência hoje me disse que o meu chapéu dava fazenda para quatro... Se eu pudesse fazer dois, mandava-se arranjar. O que eu queria era um balão, meu paizinho.

BERNARDO, à parte

Como a inocência é estúpida!

MORGADO

Tem razão; precisa de balão... Eu não desgosto do balão, a falar a verdade. Há de arranjar-se tudo, priminha. Vamos já tratar disso. Fica por aqui, amigo João?

JOÃO

Fico, Sr. Morgado.

MORGADO

Então, veja lá... Cuidado com a mulher da cabrinha... Você é um velhaco daquela casta!.. Ah! seu ratão!... Eu sempre vou ver se ela quer passear. (Vai a uma das portas laterais). Acho que é aqui. (Batendo à porta). Ó Sra. D. Vicência! D. Vicência?

Voz de homem, dentro Vá bater ao diabo que o leve.

MORGADO

Enganei-me. Há de ser aqui. (Bate com muita força). D. Vicência, D. Vicência, a senhora quer vir dar uma passeata?

CENA X

OS MESMOS e UM SUJEITO

(Abre-se de repente a porta, e assoma um sujeita embrulhado num cobertor, e barrete de dormir)

O SUJEITO

Que alarve é este que anda a incomodar quem dorme?!

MORGADO

Fui eu que me enganei... perdoará... Procuro a Sra. D. Vicência.

O SUJEITO

Eu não sou D. Vicência.

MORGADO

Bem vejo; por isso pode-se deitar Vossa Senhoria mas olhe que sito dez horas e meia.

O SUJEITO

Quem lhe pergunta ao estúpido personagem que horas são?

MORGADO

Veja lá com quem falia, ó menino? Olhe que eu sou

António dos Amarais Tinoco Valadares, morgado de Fafe.

O SUJEITO

Que me importa a mim isso? E eu sou Bonifácio da Silva.

MORGADO

Pois, Sr. Bonifrates da Silva, recolha-se, que eu já não estou bom. Ponha cobro na língua, e deite-se, que eu ás duas por

três, se me fazem cócegas, costumo... sim, isto é um modo de falar... (Faz o trejeito de quem volta um homem de pernas ao ar). Se o senhor quer saber quem eu sou, vá pergunta-lo a Lisboa.

O SUJEITO

O senhor ameaça-me?! (Sai fora do limiar da porta).

MORGADO

O senhor não tem vergonha de aparecer assim embrulhado num cobertor diante daquela menina? Tape os olhos, prima! (D. Hermenegilda tapa o rosto com a mão).

O SUJEITO

Acordar-me, e insultar-me, é de mais.

MORGADO

Podia, ser mais... vá-se para sua cama, na graça de Deus, vá, vá, que eu já não regulo bem do toitiço... (Leva-o com bons modos entre as mãos até o meter ao quarto). Se aqui não está esta inocente... (Indicando Hermenegilda) e eu não receasse que o cobertor lhe caísse, pespegava-o como uma obreia acolá no teto. Onde diabo está metida a senhora da cabra?

JOÃO

Creio que o seu quarto é aquele, Sr. morgado.

MORGADO

Este? (Bate). D. Vicência!

Voz de D. Vicência

Que quer?

MORGADO

Ela cá está. (Alto). Quer vir dar uma passeata? (Voz dentro que não se entende). Fale alto, que não se ouve nada na plateia.

D. VICÊNCIA, dentro

Não posso sair por ora, que está a cabrinha a dormir.

MORGADO, para fora

Está a cabrinha a dormir!... Isto só com um tirapé!... (Alto). A senhora está maluca?

D. VICÊNCIA

Não me incomode, que me acorda a Dejhali.

MORGADO

Vamos embora. Ó amigo João, uma doida assim à perna é que eu lhe queria!... (Sai com Hermenegilda e Heitor).

CENA XI

JOÃO e BERNARDO

JOÃO

Vejo que estás pasmado da estupidez de Hermenegilda! Eu também, palavra de honra! Já me não atrevo a aconselhar-te que a ames.

BERNARDO

Estás enganado. Gosto de ver assim a estupidez no seu estado de perfeição primitiva. Andava eu morto por encontrar a mulher como ela foi no tempo em que se comiam bolotas e medronhos. Pensas que arrefeci na empresa? Não tenhas medo. É uma mulher deliciosa para um homem que quer casar-se rico, e desligar-se das obrigações que se contraem matrimonialmente com uma mulher que tem alma. Tomaram muitos encontrar a

inocência dela! Aquilo é tudo matéria estreme como a dá a madre natureza.

JOÃO

Bem! Gosto de te ver nessas ideias. É preciso já, já escrever à pequena.

BERNARDO

É um grande embaraço! Não sei como se escreve a uma mulher assim.

JOÃO

Escreve-se-lhe uma carta muito tola. Queres tu que eu entre no teu coração, e que fale por ti?

BERNARDO

Valeu! Nota lá a carta. Aqui está tinteiro e papel.

JOÃO

Em quanto eu escrevo o rascunho, vai tu na trilha de Hermenegilda, e faz que ela te veja. Segue o meu conselho, que estás falando com o mais profundo conhecedor do coração humano.

BERNARDO

Obedeço-te cegamente. (Sai).

CENA XII

JOÃO, e depois D. VICÊNCIA

(João Alvares escreve alguns segundos)

D. VICÊNCIA, dentro

Ó criado! Leve-me a minha cabrinha a retouçar na ervagem dessa alameda. Venha busca-la.

JOÃO, suspendendo a escrita

A retouça-se na ervagem dessa alameda — que estilo! (Ergue-se). Esta mulher é um génio!

(Atravessa um criado a cena: recebe a cabra à porta da alcova da sua dona, e sabe).

D. VICÊNCIA, fora

Leve-a com muito jeitinho, ouviu? (Reparando em João Alvares). É o Sr. João Alvares?

JOÃO

Um criado de v. exa. Como se dá o feliz acaso de lhe ser conhecido o meu nome obscuro, minha senhora?

D. VICÊNCIA

Obscuro!? Lucidíssimo! Pois Vossa Excelência não tem escrito folhetins no Br az Tisana, e nos periódicos de Guimarães?

JOÃO

Uns pobres folhetins, minha senhora, que só tem o merecimento de terem atraído olhares da vossa Excelência.

D. VICÊNCIA

Não só olhares; mas também o espirito; não só o espirito; mas também o coração, o coração, entende-se, que compreendeu o seu.

JOÃO

Ó minha senhora! Eu adivinhei na vossa Excelência uma alma distinta, quando ás duas horas da manhã a vi no terraço.

D. VICÊNCIA

Ah! viu?

JOÃO

Vossa Excelência contemplava as estrelas do céu; e eu, ao clarão destas estrelas, estava vendo o anjo da terra.

D. VICÊNCIA, risonha

Vejo que tinha o estro afogueado quando eu entrei... Estava poetizando?

JOÃO

Sim, minha senhora. Escrevia as impressões desta noite.

D. VICÊNCIA

Permite que eu veja?

JOÃO.

Oh! perdão, minha senhora! As paixões têm o seu pudor. O homem apaixonado é um doente febril.

D. VICÊNCIA

Gostou da minha cabrinha?

JOÃO

É uma écloga, um idílio, a cabrinha da vossa Excelência.

D. VICÊNCIA

Lembra-se da Esmeralda de Victor Hugo?

JOÃO

Que também tinha uma cabrinha branca...

D. VICÊNCIA

A Dejhali.

JOÃO

Que já compunha seis letras do alfabeto para formar o nome do ditoso amante da cigana.

D. VICÊNCIA

Era Febeus...

JOÃO

Sim, Febeus.,. Se a Dejhali da vossa Excelência chegasse a compor um nome de quatro letras...

D. VICÊNCIA, sorrindo

João?

JOÃO

Sim: é um nome muito prosaico, não é?

D. VICÊNCIA

A poesia está no coração; não é nos nomes.

CENA XIII

OS MESMOS e PÔNCIA

PÔNCIA, que vem arrefecendo com a colha uma tigela de caldo, que fumega

Trago aqui um caldo de galinha, Sr. João. (Baixo, vendo D. Vicência) Cá está a azarotada!

JOÃO

Leve o caldo, Pôncia; não quero caldo agora.

PÔNCIA

Há de comer o caldo, quer queira quer não. Vamos a isto. A senhora há de dar licença que o Sr. Joãozinho coma.

D. VICÊNCIA

Eu privo-o?

PÔNCIA

Vá; bote para baixo, que é de franga. O menino não come, e eu depois é que o aturo quando não pode com uma gata pelo...

JOÃO

Seio / Veja lá como falia.

PÔNCIA

Eu falo como sei. Olhe lá se quer que eu mude de língua?

JOÃO

Leve o caldo, já lho disse, Sra. Pôncia.

PÔNCIA, irónica

Ó minha senhora, faz favor de pedir ao Sr. João que coma o caldo da franga?

JOÃO, erguendo-se irritado

PÔNCIA! Veja lá!...

PÔNCIA

Sabe que mais? Tenha tino nessa cabeça! O que me falta é vê-lo comprar também um cabritinho! (Sai).

CENA XIV

D. VICÊNCIA E JOÃO

D. VICÊNCIA, rindo ás gargalhadas

Tem raiva à minha cabra a sua criada! Não pensei que esta mulher era da sua ménagerie. Já hoje me aplicou a receita do juízo também.

JOÃO

A Vossa Excelência!?

D. VICÊNCIA

A mim, pois porque não! A velhinha tem a mais estúpida das liberdades...

JOÃO

Vou despedi-la do meu serviço!...

D. VICÊNCIA, rindo

Deixe-se disso, que eu não lhe agradeço o sacrifício. Vá tomar o seu caldinho, vá, que lhe peço eu. Vou vestir-me para sair. Estimei muito conhecê-lo pessoalmente. Saiba que tem em mim uma admiradora do seu estilo. (Corteja e recolhe-se ao quarto).

JOÃO

Oh! minha senhora!...

CENA XV

JOÃO e PÔNCIA

PÔNCIA, que entra logo pela porta com o caldo

Ora ainda bem que se foi o Berzabum da mulher. Vamos ao caldo, que está frio.

JOÃO

A Sra. Pôncia atreveu-se a muito!...

PÔNCIA

Quer ralhar à velhinha que o viu nascer? Pois ralhe, ralhe; mas tome o caldinho para ter mais forças para ralhar. A sua mãe, quando o cá deixou, entregou-mo a mim; já agora hei de morrer a dizer-lhe as verdades. (Limpa os olhos).

JOÃO, com movido

Tem razão, minha Pôncia; perdoe, e dê cá um abraço, eu sou um doido. (Toma o caldo).

PÔNCIA, alegre

O caldinho tem hortelã e umas folhas de salsa. Está gostoso?

JOÃO

Está muito bom, muito gostoso.

PÔNCIA, fiando na roca, que traz à cintura

Como ela veio logo aqui pespegar-se! A doutora de não sei que diga! O menino não pode ver uma mulher! Coisa assim! Fica logo atarantado! Ora o Sr. João que não há de tomar inclinação a uma lavradeira, que tenha arranjo de casa, e que trate do menino, quando eu morrer! Que graça tem esta serigaita com a cabra atrás dela?

JOÃO, mansamente

Fale baixo, tia Pôncia; eu não tenho nada com a mulher. Estava a disfruta-la. Leve a tigela, que eu tenho que escrever aqui uma carta.

PÔNCIA

Tenha juizinhos, sim? (Vai a sair).

JOÃO

Pois sim... deixe-me escrever.

PÔNCIA, voltando à cena

Olhe que à noite há de pôr as papas de linhaça na boca do estomago...

JOÃO

Pois sim; vá com Deus. (Sai Pôncia).

CENA XVI

JOÃO, depois BERNARDO

JOÃO, lendo as ultima linhas do rascunho

Nos meus sonhos, tenho visto muitas vezes uma visão vestida de nuvens coradas de luz, calçada de estrelas, coroada com o arco iris, sentada na lua... (Prossegue a escrita).

BERNARDO

Aqui estou! Que é da carta?

JOÃO, sem levantar mão da escrita Estou com ela.

BERNARDO

A mulher olhou-me de certa maneira.

JOÃO. escrevendo sempre

Sim?

BERNARDO

Apareci-lhe em todas as lojas em que ela entrou.

JOÃO

E então?

BERNARDO

Fiz-me do rancho, e cheguei a dizer-lhe que qualquer chapéu ficava bem à sua formosura.

JOÃO

Bravo! e ela que tolice respondeu?

BERNARDO

Fez-se vermelha.

JOÃO

Pois agora vai ficar amarela. Está pronta a carta.

BERNARDO, esfregando as mãos

Vamos a isso. Lê lá.

JOÃO, à frente, lendo com muita ênfase

«Com o coração em viva brasa, lanço mão da pena tremula para expor à vossa compaixão o triste sudário da minha alma.

«Os vossos olhos são frechas do implacável Cupido, que não perdoa a reis nem a vassalos, que abranda o coração da pantera de Java, e enternece as melodias do rouxinol:

«Ingrata serieis, ó Hermenegilda amada, se mostrásseis indiferentes à dor os olhos que tamanha dor causaram.

Não! É impossível que nesse peito de alabastro, ninho dos prazeres, se aninhe a víbora da ingratidão.

«No vosso angélico sorriso, ó cara pomba, pousou a minha felicidade, que, há muito, busco por toda a parte, como andorinha que perdeu o trilho aéreo da sua pátria, e ficou erma e só na região das neves.

BERNARDO, interrompendo

Ela não entende isso!

JOÃO

É justamente o que nos convém. Se ela entendesse fazia da carta dois papelotes, e mandava-te à fava. Escuta lá: (Lê).

«Eu sou como o viajante nos desertos da Mesopotâmia, ardente de sede, pedindo a cada miragem uma gota de água, e bebendo candeias acesas nos raios do sol oriental.

BERNARDO

Isso parece-me asneira! Bebendo candeias acesas!

Viu-se já maior disparate!

JOÃO

Tu queres que ela te perceba, ou não?

BERNARDO

Quero que perceba: é boa a pergunta!

JOÃO

Pois, se tu lhe disseres que bebias no deserto línguas de fogo em lugar de candeias acesas, entender-te-á melhor? Candeias sabe ela perfeitamente o que são; e línguas, em quanto a mim, só conhecem a de porco, e de vaca. Se me começas a contrariar, recolho a inspiração, e deixo-te nas trevas. (Lê.)

«Nos meus sonhos, tenho visto muitas vezes uma visão vestida de nuvens coradas de luz, calçada de estrelas,

coroada com o arco iris, sentada na lua, com o sol engastado no peito, e o globo terráqueo aos seus pés. Ereis vós, Hermenegilda! Apenas vos vi, reconheci-vos como o molosso reconhece o dono, a rola o ninho, a lebre a cama, e a truta a colheita! Ver-vos e não amar-vos, seria morrer de ver-vos; e amar-vos sem ver-vos só eu pude; e que faria eu depois, ao ver-vos, se não amar-vos?

BERNARDO

Acaba depressa com isto! — Ver-vos, não ver-vos, amar-vos, e ver-vos, e não aviar-vos... que diabo de embrulhada é esta?

JOÃO, declamando

És um sandeu! Está explicado o segredo da tua nulidade perante as mulheres. Tens trinta anos, e todas as tuas conquistas reduzem-se à filha de um chapeleiro de Braga. Podias ter um nome em Portugal, se ao teu património quase dissipado, e à tua excelente figura, quase em decadência, juntasses um pouco de estilo. Todo o

conquistador deve ter um arsenal bem fornecido de bombas fraseológicas. A ideia não é que persuade uma mulher: é a palavra. O que tu chamas embrulhada, meu tolo, é o melhor que se pode dizer, quando não há nada que se diga.

BERNARDO

Supõe tu que ela me não entende!

JOÃO

Certo disso estou eu.

BERNARDO

O que se segue é não me responder.

JOÃO

É justamente o que te convém.

BERNARDO Ora essa!... que me convém f

JOÃO

Sim! Convém-te que não responda; porque, não respondendo, fala-te. Que lucras tu com a correspondência epistolar desta criatura?

BERNARDO

Pensas bem, João! És um grande homem! Ora anda lá... diz mais alguma asneira. Estavas no ver-vos e não ver-vos, amar vos e não amar-vos...

JOÃO, lendo

César, foi! viu! e venceu! Eu, vim! vi! e fui vencido! (Grande estrépito de chuva nas vidraças, e estrondo de trovoada).

CENA XVII

OS MESMOS, o MORGADO, HEITOR, BERNARDO, PÔNCIA e D. VICÊNCIA depois

(Os três primeiros vem sacudindo os fatos molhados. Hermenegilda traz um balão enorme, e um pequeníssimo chapéu. Pôncia traz um coto de vela benta acesa).

MORGADO

Que tal está a molhadela!...

BERNARDO

A barretina escangalhou-se, ó paizinho!

HEITOR

Se trouxesses a outra, não te molhavas, rapariga; mas vocês não querem fazer o que eu digo!

MORGADO

Isso torna a endireitar-se. Sacuda o balão, prima, que se lhe não vá meter a humidade nos ossos. Assim... (Ajuda a sacudir o balão).

PÔNCIA, à parte indicando o balão

Olha que preparo aquele!...

D. VICÊNCIA, muito a aflita

Não há ninguém que lhe acuda! Não há uma generosa alma que me salve a minha cabrinha!

JOÃO, com veemência.

A sua cabrinha, minha senhora! Onde está a sua cabrinha!...

D. VICÊNCIA

Está à chuva, correndo espavorida na alameda... Veja, veja... (Levado à janela.)

JOÃO

Corro a salva-la! Corro a salva-la!

PÔNCIA. retendo-o pelas abas do chambre

Não vai, que está doente, e molha-se...

JOÃO

Largue-me, tia Pôncia!

D. VICÊNCIA

Salvem-me a Dejhali!

JOÃO

Corro a salva-la!

PÔNCIA

Não vai, que tem reumatismo! Eu depois é que o aturo...

D. VICÊNCIA

Oh!... que infortúnio! Que infortúnio!...

JOÃO

Corro a salva-la!

(Deixa ficar o chambre nas mãos de Pôncia, e sai acelerado.)

PÔNCIA, colérica e solene

A senhora da cabra há de dar cabo do meu amo! Eu a arrenego! O meu menino atrás das cabras com este temporal!

MORGADO

Não te aflijas, Pôncia! Isto de quem ama há de andar com a cara para diante. Não é assim, prima Hermenegilda?

BERNARDO, apertando o balão

Eu não sei lá dessas coisas. Está-me a querar cair o balão!

MORGADO

Ele parece que ganhou vento!

CENA XVIII

OS MESMOS e JOÃO, com a cabra nos braços

D. VICÊNCIA, transportada

Mil agradecimentos! O cavalheiro é um herói!...

JOÃO

A sua cabra está salva!

D. VICÊNCIA

Tão molhadinha! (Começa a enxugar o felpo da cabra com o rob-de-chambre que Pôncia lança aos ombros de João).

PÔNCIA, arrancando-lhe das mãos o chambre com fúria

Olha o demónio da mulher!... a limpar a cabra com o casaco do meu amo!... Eu te arrenego!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

A cena passa-se no terreiro do hotel. A casa tem algumas janelas de serventia, e figura-se de esguelha, de modo que se veja a lua prateando o mar. À direita do espectador, sobranceiro ao edifício, há um terraço de serventia. Presume-se que a estrada atravessa o palco na parte mais convizinha da plateia. É noite.

CENA I

BERNARDO e JOÃO, encapotados melodramaticamente

JOÃO

E como podes-te entregar-lhe a carta no corredor? Isso havia de ser difícil sem o morgado ver, ou o pai.

BERNARDO

Não foi: ela ia sozinha, e eu, com o mais tímido acanhamento de respeitoso amante, pedi-lhe se me lia aquela carta. Ela ficou azabumbada um pouco; mas eu não lhe dei tempo a refletir. Mas o resto, o admirável, o espantoso é que tu não sabes!

JOÃO

Deste-lhe um ósculo na mão?

BERNARDO

Não. Muito mais do que isso.

JOÃO

Foi na testa que lhe deste o osculo?

BERNARDO

Que mania é essa dos ósculos? Porque não dizes beijos como toda a gente?

JOÃO

Por causa da censura.

BERNARDO

Pois eu, respeitando a censura, não lhe dei ósculo nem beijo. Pedi-lhe que me falasse hoje ás nove horas da sua

janela para a rua. E ela, quando eu receava alguma má resposta...

JOÃO

Disse-te que...

BERNARDO

Que sim, se não adormecesse.

JOÃO, rindo

Mas é que ela a essa hora está a dormir como uma pedra.

BERNARDO

Estará?!

JOÃO

Homem! eu conheço vinte e cinco espécies de mulheres; mas esta da tua Hermenegilda é nova para mim. Pode ser que esteja acordada, posto que, segundo boas informações que tenho de um conhecido desta família sei que a flor de Amarante come o seu caldo verde ás sete horas, deita-se ás oito, e ás nove é massa bruta. Ora agora, se o amor é capaz de a despertar com os seus aguilhões, isso é que estamos para ver. Entretanto, já sabes quais são os costumes em casa do teu futuro

sogro. Às oito horas hás de estar no tálamo conjugal com a tua esposa, tu com um barrete de trocai, e ela com uma touca de linho cru, e ambos a ressonar o mais estupidamente que se pode.

BERNARDO

Estás enganado, João! Se eu casar com ela, pensas que me vou degredar na Amarante!? Isso sim!... Hei de viajar a Europa. Que pode viver o pai? Dois anos ou três. Queres tu ir viajar connosco?

JOÃO, sorrindo

Oh! pois não hei de querer! Havemos de ir viajar à ^ roda, por cima, e por baixo do globo!

BERNARDO

Não se pode falar sério contigo!... Olha lá: seria eu imprudente em lhe pedir o rendez-vous?

JOÃO

És uma criança! És como todos os principiantes em amor. Pensam vocês que é da tarifa devorarem em silencio, antes de se revelarem, as melhores frases que tem para convencer! Grande contrassenso! Parecem-se com os caçadores novatos, que atiram à perdiz, quando ela vai muito longe do alcance do chumbo. Fia-te em mim, Bernardo: a mulher, que começa a amar, tem oito dias de alienação. É aproveitar-mos... Aí vem o parvo do morgado com a serenata de ontem à noite.

BERNARDO

Não quero que me conheça. Escondamo-nos nesta travessa.

(Saem).

CENA II

MORGADO, um homem de realejo, D. HERMENEGILDA, depois, a uma janela, e PÔNCIA noutra

MORGADO, colocando o tocador cm frente da janela de D. Hermenegilda

Toca uma moda bonita. Não sabes a Maria cachucha?

TOCADOR

Cachucha? Mi saber Cachucha?

MORGADO

Sim! (Cantando:)

Maria cachucha,

Com quem dormes tu?

TOCADOR

Não sabe cachucha eu.

MORGADO E a Cana-verde? sabes? (Canta:)

A cana verde no mar;

A cana verde na arca.

Sabes isto?

TOCADOR

Cane? nó; cane?

MORGADO

Então que diabo sabes tu? Toca lá o que souberes. (O homem toca qualquer coisa. — Assoma na janela Hermenegilda, e Pôncia noutra janela).

MORGADO, que passeia radioso na cena

Gosta desta moda, priminha?

BERNARDO

Ele não sabe tocar o...

MORGADO, mandando parar o realejo pata ouvir

Que diz, amor?

BERNARDO

Ele não sabe tocar aquela moda: «Muito bem seja aparecido nesta função?»

MORGADO

Rapaz! Tu saber cantar esta coisa (Canta:) «Muito bem seja aparecido nesta função. Bate as palmas com o seu peixinho, com o seu peixinho, seu pechâo.»

TOCADOR

Peixon? no saper modas do peixon.

MORGADO

O bruto não sabe nada. Anda lá, vai tocando o que sabes. (Continua o realejo).

MORGADO, com os seus botões

Eu sei como se levam as mulheres! Estes janotas de agora não sabem vencer o coração das damas. Eu, com dois dedos de realejo, tenho feito mais que outros com muita papelada e palavreado. Agora é tempo de lhe falia r. {Paga ao tocador). Vai-te embora; e amanhã aparece à mesma hora.

PÔNCIA, fechando a janela

Com bem passe a noite, Sra. D. Hermenegilda. (Baixo). Daqui a bocado venho aqui; preciso muito de lhe falar para negócio. Não se deite, não?

BERNARDO

Pois, sim. Traga-me daqueles pastéis de ontem à noite, sim?

PÔNCIA

Já aqui os tenho. (Alto). Boas noites, Sr. Morgado.

MORGADO

Adeus, Pôncia.

CENA III

MORGADO, D. HERMENEGILDA

MORGADO

Amada Hermenegilda! O meu coração é vosso. Dizei-me se o vosso coração é meu.

BERNARDO

Isso veremos. A gente, como diz lá o ditado, em quanto anda por este mundo, ninguém sabe para o que nasceu.

MORGADO

Se me tendes afeto, igual ao que vos tem meu coração, para ser minha esposa viestes ao mundo, meu adorado bem.

BERNARDO

Antes que cases olha o que fazes.

MORGADO

Isso é como diz; mas a minha pomba não topa marido que lhe queira tanto como eu.

BERNARDO

Pois sim; mas o primo tem já muita idade; e eu estou muito nova.

MORGADO

Não sou tão velho como a senhora pensa. Se eu quiser meninas novas, tenho-as no Porto ás dúzias. A apostar que a prima gosta mais destes salta-pocinhas que andam de luneta e bigode, sem uma de X na algibeira?...

BERNARDO

Não se esteja a encanzinar, primo. Eu não disse que gostava doutro derriço.

MORGADO

Pois não disse, não; mas de mim, pelos modos, também não gosta lá grande coisa.

BERNARDO

Está feito.. podia ser menos; de cá se vai a lá; o que o meu coração sente, eu cá o sei.

MORGADO, alegre

Ah! Então a priminha estava a dizer isso para me ouvir? (Oure-se ao longe a musica da estúrdia).

BERNARDO

Vem aí uma festa?

MORGADO

São lá os meus rapazes de Fafe, que chegaram hoje prá romaria do S. Bartolomeu, e que nos vem tocar à porta.

BERNARDO

Ai! Que regalo! Eles trarão cantadeiras?

MORGADO

E daquela casta! (Bradando). É para aqui, rapaziada!

CENA IV

GRUPO DOS ROMEIROS, MORGADO, D. HERMENEGILDA, e PÔNCIA, na janela

(A esturdia, composta do seguinte instrumental: duas violas, rebeca, clarinete, bombo, e ferrinhos. Grupo de quinze ou viais pessoas. As mulheres trajam capo ti lhos encarnados, sobre as saias de chita clara. Na cabeça lenços de cambraia, sobre outros escarlates, por baixo dos chapéus desabados; nos pés chinelas de diferentes cores).

VOZES

Viva o Sr. Morgado, a mais sua noiva!

MORGADO

Viva Fafe, e a bela rapaziada! Isto é que é gente! (Estão afinando os instrumentos). Ó Pôncia! Fazes favor de dizer lá

ao estalajadeiro que ponha lá no pátio um cântaro de vinho para a rapaziada?

PÔNCIA

Cá vou dizer. (Sai e volta depois para a janela).

(Rompe a musica com descante. A primeira copla é cantada por um homem, a segunda por uma mulher, e as outras o mesmo interpoladamente com curtos intervalos).

CANTOR

E viva o Senhor Morgado

E mais a sua noiva querida;

Que e a fidalga da Amarante,

Por nome D. Hermenegilda.

CANTORA

D. Hermenegilda se chama

A fidalga de Amarante

Que tem no peito o Sr. Morgado

Que é o mais sensível amante.

CANTOR

O mais sensível amante,

Agora te vou responder

Aquilo é homem como se quer

Que nos vai dar de beber.

CANTORA

Que nos vai dar de beber,

Victo serio regalar,

Viva a Sra. D. Hermenegilda

Mais o seu lindo par.

MORGADO

Obrigado, rapazes, obrigado! Vão vocês beber até lhe chegarem com o dedo.

VOZES

Viva o fidalgo! e a fidalga! viva! viva! (Saem).

MORGADO

Ó Manuel da Boiça! Deixa-me cá ficar a tua viola.

MANUEL DA BOIÇA, rindo alvarmente

Ora o fidalgo quer agora sacudir os dedos! (Dá-lhe a viola e saem).

MORGADO

Quero ver se ainda me lembram as cantigas da minha mocidade!

CENA V

O MORGADO, D. HERMENEGILDA, E PÔNCIA

MORGADO, depois de arpejar com ridículos esgares

Ó prima, olhe lá se gosta disto: (Canta).

Alteia, mimosa Alteia,

Me maltratas com rigor;

E eu por ti ardendo sempre

Em vivas chamas de amor!

PÔNCIA, rindo

Ora, com efeito!.. O amor deu-lhe volta à cabeça, ó Sr. morgado!

MORGADO

Que dizes tu lá, ó serpente!

PÔNCIA

Serpente!... Olha o peludo a chamar-me a mim serpente! Tenha juízo.! Não sei o que me parece um fidalgo da sua casta a cantar na rua! (Fecha a janela com força).

CENA VI

MORGADO e D. HERMENEGILDA

MORGADO, arpejando outra vez

Quer que eu cante a modinha outra vez?

BERNARDO

Agora não, que vou comer o caldo. Está o paizinho à espera. Adeus até amanhã.

MORGADO

Pois então até amanhã, Hermenegilda amada! Sonhe comigo, 6 priminha.

BERNARDO

Com bem passe a noite, primo. (Sai).

CENA VII

MORGADO e BERNARDO rebuçado cautelosamente, e parado na esquina

MORGADO

Que encapotado é este?... (Avizinha-se). Olé!... que quer aqui?... Fale, ou despejo-lhe um bacamarte no buxo!

BERNARDO, sem mostrar o rosto

Pode passar que ninguém embarra consigo. (Ouvem-se nove horas).

MORGADO

Aqui há coisa!... Já me não escapa... (Sai e esconde-se, ficando visível à plateia).

CENA VIII

BERNARDO E D. HERMENEGILDA

(Bernardo vai postar-se sob a janela de D. Hermenegilda, que a descerra cautelosamente).

BERNARDO

Sois vós?

BERNARDO

Sou eu; mas estou a comer o caldo, e volto logo.

(Fecha a janela).

BERNARDO

Está a comer o caldo!... Oh que monstro de inocência bruta!... (Sai).

CENA IX

MORGADO e depois HEITOR

MORGADO, furioso

É Bernardo! Agora é que eu dei nela! A mulher tem-me engrampado! Por isso ela disse que eu sou velho!... Ferve-me a cabeça!.. Não sei se dê cabo dele!

HEITOR, à janela espetorando uma tosse de valentão

Quem é que está aí?

MORGADO

Sou eu, primo Heitor.

HEITOR

Ah! isso é outra coisa! Pensei que a rapariga tinha estado a falar com algum petimetre. Trago cá as minhas desconfianças...

MORGADO

Tu que desconfias, ó primo?

HEITOR

Anda-me aqui aquele amigo do João Alvares...

MORGADO

Deste no vinte; é ele mesmo. Vi-o com estes…

HEITOR

Que viste tu?!

MORGADO

Depois falia remos. Tu vais-te deitar?

HEITOR

Não; ainda vou procurar um homem lá de riba que me traz o dinheiro de uns bois, e não sabe onde e moro.

MORGADO

Então vamos ambos.

HEITOR

Sobe, e bebes uma pinga do maduro. (Recolhem-se).

CENA X

JOÃO, D. VICÊNCIA e PÔNCIA

(Pôncia muito recatada na janela, contemplando o terraço. Vem surgindo a lua).

JOÃO

Anjo das noites formosas, confidente das estrelas, fada da minha vida, virás tu contar àquela lâmpada dos céus o mistério do teu amor? (Aparece Vicência no terraço, preludiando numa viola francesa, em altitude de inspirada). É ela! Como a natureza conspira toda a faze-la mais linda!

D. VICÊNCIA, cantando

Meiga lua, que segredo

Sabes tu do meu amor?

Dás-me tu um anjo ledo

Dos que adoram o teu fulgor?

Meiga lua

Mãe do amor,

Desce um anjo

À minha dor.

JOÃO

Seria uma barbaridade interrompê-la! Que magia que paraíso terreal este!

PÔNCIA, a meia voz

Que toleima!

Que casa de orates!

D. VICÊNCIA, cantando

(João faz apaixonados gestos em quanto ela canta)

Neste mar, que te retrata.

Quem me dera andar perdida!

Lá por entre ondas de prata

Voga a flor da minha vida.

Minha vida

É toda amores,

Toda sonhos,

Toda flores!

JOÃO, saindo da sombra

Não posso mais!... (Alto.) Ingrata será a meiga lua se vos não responder, ó inspirada cantora!

PÔNCIA, à parte

Agora é que elas vão ser!

D. VICÊNCIA

Quem me falia?

JOÃO

Ó João Alvares, a alma excruciada de João Alvares, que vos ama, senhora, que vos adora, arcanjo, que se humilha perante a vossa soberania.

PÔNCIA, à parte

Perdeu o siso o meu pobre menino! Nossa Senhora dos Remédios lhe acuda!

D. VICÊNCIA

Os meus amores não os tem a terra, senhor! Vago perdida como a ave que perdeu a memória das suas florestas. O seu coração dê-o ás filhas das paixões mundanas, que eu, misérrima entre as mulheres, não espero encontrar alma que compreenda a minha!

PÔNCIA, à parte

Deixa que eu te vou botar água na fervura! (Alto.) Ó Sra. D. Vicência, Sra. D. Vicência!

D. VICÊNCIA

Quem é?

PÔNCIA

É a Pôncia. Faz favor de me dizer se a cabra ainda fica esta noite no quarto?

D. VICÊNCIA

Que vil prosa a desta mulher!

JOÃO

Sra. Pôncia, recolha-se!

PÔNCIA

Não se faça desentendida, ouviu? Olhe que eu, se me não tira a cabra de cima da cabeça, acaba-se esta noite o mundo!

D. VICÊNCIA

Sr. João Alvares, a bestialidade da sua serva reflete na vossa Senhoria (Sai).

CENA XI

JOÃO e PÔNCIA

JOÃO

Vossemecê envergonha-me!

PÔNCIA

Venha deitar-se, que estão as papas prontas! Má mês para a mulher! Olha o demónio que havia de vir agora lá de cascos de rolha com a cabra e com a guitarra! Venha deitar-se, Sr. João! Eu cá lhe vou arrefecer o caldo.

CENA XI

JOÃO, MORGADO e HEITOR

(Os últimos saem da porta do hotel. João vai a retirar-se)

MORGADO

Ele ali está o Bernardo.

HEITOR, lançando-lhe a mão

Ó amigo!

JOÃO

Que quer o senhor?

MORGADO

Ah! este é o João Alvares. Enganei-me.

HEITOR

Perdoará. Pensei que era o seu amigo Bernardo. Diga lá a esse borra-botas que eu sou homem de lhe tirar a colada pelas costas, ouviu?

JOÃO

Ouvi perfeitamente, que o senhor tem um excelente pulmão.

HEITOR

Diga-lhe lá que se tornar a “bolir” com a minha filha, mando-lhe quebrar o espinhaço.

JOÃO

Com que então o meu amigo Bernardo “boliu-lhe” com a filha? Forte maroto!

HEITOR

Você está a gozar comigo?

JOÃO

Deus me defenda! Eu estou protestando contra o tratante que desinquieta meninas. O direito paternal é o mais sagrado dos direitos.

MORGADO

Apoiado!

JOÃO

Vossa Excelência tem carros de razão em quanto sustentar o decoro dos lares, e mantiver imaculada a prosápia ilustríssima de que borbulhou.

HEITOR, ao morgado

Que diz ele?

MORGADO, assentindo com gravidade

É aquilo que ele diz.

JOÃO

Mas, a falar a verdade, eu não sei se v. exa tem razões assaz fortes para tamanha zanga. O sujeito que namora a sua filha é filho segundo de uma ilustre casa de Celorico de Basto. For Gamas, deve pertencer ao venerando tronco do que dobrou o cabo tormentório, segundo consta de João de Barros, Lucena, Camões, e da Historia genealógica da casa real. Por Castros, descende por bastardia de um irmão de Inês de Castro, que veio casar a Celorico, e houve quatro filhos de D. Mecia da Gama, um dos quais foi dom abade de frades bentos, outro foi prior-mor de Cristo, o terceiro morreu em Alcácer-Quibir, e o quarto morreu em cheiro de santidade, e está inteiro. Já vê V. Exa que o amante da sua

filha não é qualquer borra-botas, como sua senhoria lhe chamou, no auge da sua paternal iracúndia. O que o Sr. Heitor deve indagar é se é honesto o intuito deste amor; e caso seja, apressar o enlace matrimonial.

MORGADO

Tudo aquilo é peta! e há de perdoar, Sr. João. O senhor esteve aí a improvisar. Qual filho de Inês de Castro! Ele é lá dessa família! Pensa que eu não sei que o avô dele foi almocreve! O meu pai deu-lhe muitas cargas de presuntos para Lisboa.

JOÃO

Hei de desmenti-lo com as genealogias mais acreditadas, Sr. morgado!

MORGADO

Bem me importa cá a mim as suas geologias, ou que diabo é.

HEITOR

Está arrumado! Diga-lhe o meu recado, e acabou-se a pendencia! Vamos ao homem dos bois que é tarde. (Saem.)

CENA XIII

JOÃO, PÔNCIA

JOÃO

Vou avisar Bernardo, que não vão estes brutos deslomba-lo; mas onde o encontrarei eu? Talvez a jogar por conta do dote de Hermenegilda. (Sai.)

PÔNCIA, à janela

Então, Sr. João, vem tomar o caldo?

JOÃO

Maldita sejas tu! (Sai com arremesso).

CENA XIV

PÔNCIA E D. HERMENEGILDA

PÔNCIA, batendo com o cabo da vassoira na janela de D. Hermenegilda

Ó menina, ó fidalguinha!

BERNARDO

Estava aqui à espera de vossemecê.

PÔNCIA, passando-lhe um lenço atado à ponta do cabo

Tome lá uma dúzia dos pastéis de Santa Clara.

BERNARDO, comendo um Bem-haja! Sabem que é um regalo!

PÔNCIA

Pois coma, coma, minha querida menina. Olhe lá: sempre está na ideia de casar com o seu primo morgado?

BERNARDO, com a boca cheia

Agora estou! O diabo é que anda atrás de mim, que tem coisa má!

PÔNCIA

Mal empregada senhora nas unhas daquele brutamontes! A menina, se quiser casar com rapazes novos, e civilizados não lhe hão de faltar!

BERNARDO

Pois isso é o que eu quero.

PÔNCIA

A Sra. D. Hermenegilda gosta bem sei eu de quem...

BERNARDO Vá a ver se adivinhou.

PÔNCIA, com tristeza

Nem lho quero dizer!... Se soubesse que extravagante ele é!...

BERNARDO

O Bernardo?

PÔNCIA

Sim, meu anjinho do céu; o Bernardo tem perdido quanto tem a jogar. Por mais que o meu amo o tenha querido tirar do vício, não se emenda. Ai! o meu amo! isso é que é um rapaz de mão cheia. Se houver de casar, minha fidalga, escolha um marido como o Sr. Joãozinho. Andam todas as

mulheres atrás dele, e ele não tenha medo. Não quer nenhuma nem que lha pesem a oiro. Ainda ontem eu lhe disse: ó Sr. Joãozinho, se a vossa Senhoria encontrasse uma menina como a fidalga da Amarante!! — Com essa casava eu — disse ele logo... Coma outro pastel, minha menina.

BERNARDO. comendo

Eles são tão bons!

PÔNCIA

E a fidalga casava com o Sr. Joãozinho, se acontecesse... sim... se, como diz lá o outro...

BERNARDO

Eu não se me dava, se o paizinho deixasse...

PÔNCIA

Pois olhe, minha senhora, não se despeça de casar com ele... A gente quando quer deveras tudo se faz... Aí vem gente...

BERNARDO

Então vou-me embora; não vá ser o paizinho.

PÔNCIA

Até à manhã... pense muito no Sr. Joãozinho, sim?

BERNARDO

Faça-lhe visitas da minha parte. (Saem das janelas).

CENA XV

BERNARDO e D. HERMENEGILDA

(Quando Bernardo está atirando pedrinhas à vidraça de Hermenegilda passa o Morgado escoando-se ao longo da parede do terraço, e fica espreitando).

BERNARDO, a Hermenegilda

É tal o prazer que me enche o coração, que não posso exprimir-vos quanto por vós sinto, desde o ditoso instante em que ver-vos e adorar-vos foi obra de um momento. O sentimento que o meu terno peito nutre por vós, acaso ao vosso terá passado?

BERNARDO

Eu passei bem, e o senhor?

BERNARDO

Como passará bem do corpo quem arde em vivas chamas de amor?

BERNARDO

O senhor também sabe cantar a modinha das vivas chamas de amor f

BERNARDO

Nada, não sei.

BERNARDO

O primo morgado de Fafe canta que é um regalo ouvi-lo recitar esta moda: (Recita: — Gesto de contentamento do Morgado).

Alteia, mimosa Alteia,

Me mal tratas com rigor,

E eu por ti ardendo sempre,

Em vivas chamas de amor.

O senhor não sabia este soneto?

BERNARDO

Não falemos das cantigas do Morgado que é um bruto. (Gesto de raiva do Morgado, que sai). O que me importa saber é se tendes um afeto igual ao meu.

BERNARDO

Isso lá, é consoante. O meu paizinho o dirá.

BERNARDO

Pois o vosso pai é que vos manda amar?

BERNARDO

O que ele diz é o que se faz. Casamentos não me faltam. Tem-me pedido muitos morgados, e ele diz que não.

BERNARDO

Mas eu não pergunto se quereis casar comigo.

BERNARDO

Que quer então o Senhor?

BERNARDO

Quero casar convosco; mas primeiro devo experimentar o vosso coração. Quero ser amado antes de ser vosso marido. Que sentis por mim?

BERNARDO

Sinto muito bem.

BERNARDO

A minha carta que impressão vos fez?

BERNARDO

Fez-me muita. Está muito bonita. Parece mesmo que é coisa de livros de histórias. Tenho lá na Amarante um livro chamado “Os Contos do Trancoso”, e outro chamado “As Aventuras de Teófilo” ou Teófanes, ou uma palavra assim, que trazem muitos palavreados como a vossa carta.

BERNARDO, consigo

Que prodígio de estupidez! (Alto). Vejo que me não amais!...

CENA XVI

OS MESMOS, e o MORGADO com o quer que seja debaixo do capote de quartos

BERNARDO

Vejo que me não amais! O vosso coração é do Morgado de Fafe!

BERNARDO

Pois não foste!...

BERNARDO

Faltava-me ser vencido por um rival tão bruto!

(O Morgado sai da esquina onde está encoberto. Arranca de sob o capote um varapau, e cinge-se com a parede em

atitude de valentão de arraial, escarrando grosso, a espaços).

BERNARDO, assustada

Fuja que é o primo morgado de Fafe, fuja.

BERNARDO, tirando um par de pistolas

Eu não sou homem que fuja! Quem é que está aí a grunhir?

MORGADO

Faça o acto de contrição, que você está aí está na cova. Vai levar tapona de criar bicho! (Bernardo engatilha). Ah! você traz pistolas?! Então o caso muda de figura. {Tira do bolso interior do capote um bacamarte).

BERNARDO, saindo da janela

Ai Jesus!

CENA XVII

OS MESMOS e JOÃO

JOÃO

Isto que vem a ser?

MORGADO

Um de nós há de lavrar o chão com os focinhos. Arrede-se lá, senhor João, que eu quero matar o casaquinha!

JOÃO

Com que direito? O senhor quer matar um homem porque ele é amado de uma mulher, infiel ao Sr. morgado? Por ventura tem aquele homem alguma obrigação de ser mais digno que a mulher que atraiçoa o morgado?

MORGADO

Homem! Você a modo que tem razão. Ela é que merecia um bom par de cachações. (A Bernardo). Vá com Deus, homem!

JOÃO

Seja sempre assim, discreto. A valentia imprudente é a fúria de um louco. (Sai, com Bernardo).

CENA XVIII

MORGADO, e depois D. VICÊNCIA no terraço

MORGADO

Que hei de eu agora fazer? Como hei de eu vingar-me da traidora, que parecia mesmo uma lesma!

D. VICÊNCIA, no terraço

Ainda bem que todos estes alarves dormem! Agora poderei, a sós com a natureza, expandir a minha alma. (Preludia no violão e canta fitando a lua)

(O morgado encosta a clavina e o pau ao muro do terraço, e vai contemplar do centro).

Quando em ti os meus olhos pasmo

Doce rainha dos céus,

Sinto ardente entusiasmo

Do porvir rasgando os véus.

Vejo um anjo

Todo amor,

Que, a sorrir,

Me diz : «ó flor!»

MORGADO, batendo as palmas

Muito bem, bravo, parece um rouxinol!

D. VICÊNCIA

Que gritaria! Quem faz tanta algazarra?

MORGADO

Sou eu, D. Vicência, sou eu, que dou cavaco pelo que é bom. Eu corto as orelhas se na ópera das comédias de S.

Carlos na capital há quem cante como a senhora. Faz favor de tornar a cantar isso?

D. VICÊNCIA

Ora deixe-me, Sr. morgado! Vou recolher-me.

MORGADO

Ó minha senhora, faça favor; eu não sei dizer melhor as coisas, se não dizia: Por quem é, cante mais um migalho que me enche o Coração de prazer.

D. VICÊNCIA

Por obediência canto. (Repete).

(O morgado mostra-se vivamente entusiasmado. Tira do dedo um brilhante, e embrulha-o no sobrescrito de uma carta. Vê-se João embuçado na esquina).

MORGADO

Ó Sra. D. Vicência! A senhora há de perdoar o meu atrevimento. (Atira-lhe o embrulho).

D. VICÊNCIA, apanhando

Isto que é? Um anel com brilhante? (João aparece na janela do primeiro andar, e Pôncia logo na do segundo).

MORGADO

Custou-me quarenta libras e uns pozinhos. É uma memória destes ditosos instantes que a senhora me deu. Eu estava triste como a noite; tinha cá dentro o demónio a trabalhar comigo, e desde que ouvi a menina, foi como se estivesse a arder, e me atirassem uma caldeira de água fresca pela cabeça abaixo. Fiquei consolado!

D. VICÊNCIA

Mas eu não devo aceitar este anel por modo nenhum.

MORGADO

Oh senhora, não me faça uma desfeita... Faça de conta que o recebeu da mão de um noivo.

D. VICÊNCIA

De um noivo! Isso tem mais que se lhe diga.

MORGADO

Isto é um modo de falar... Eu bem sei que a senhora se não penteia para mim; mas para amigo sirvo como os que servem.

D. VICÊNCIA

Guardarei o anel como lembrança de um sincero amigo...

MORGADO

Pois guarde, guarde, e o resto quem viver o verá.

D. VICÊNCIA

O resto?!

MORGADO

Isto é um modo de falar... (João e Pôncia soltam uma gargalhada). Vocês que estão aí a rir?

PÔNCIA, debruçando-se para ver o terraço

A mulher terá fadário de gata, que anda a miar pelos telhados? Bich, biche, biche, farruca?

(Outra risada de João. O morgado braceja furioso).

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

A decoração do primeiro acto

CENA I

D. VICÊNCIA, com a cabrinha

(Entra um criado, que lhe entrega uma carta, e sai)

D. VICÊNCIA, abrindo a carta

É do procurador. (Lendo). «Com o maior desgosto participo a v. Exa que a sua demanda foi ontem decidida na Relação, e v. Exa foi (grande sobressalto) vítima da mais manifesta iniquidade. Deram como nulo o testamento do seu marido. A lei apenas concede a v. Exa o usufruto dos bens livres, que, segundo creio, pouco valem! (Cai prostrada na cadeira). Estou pobre!... Estão vingados os meus inimigos! Venceu a estupidez! (Enxuga as lagrimas e continua a leitura:) Se v. Exa permite que eu lhe dê um conselho, ouso lembrar-lhe que o mais conveniente passo que tem a dar é entrar num convento, onde pode viver com pouco em modesta obscuridade! (Amachuca na mão a carta). Não!

convento, não! Nasci para a luz! (Ergue-se de repente). Quero a luz! quero a liberdade! Hei de achar um canto do mundo debaixo do sol!»

CENA II

D. VICÊNCIA E O MORGADO

(O morgado traz um cabrito preso com uma fita)

MORGADO, muito meigo

O coração amante apanha as inclinações do coração amado. Deu-me também na veneta de ter um cabritinho, minha rica senhora. Olhe como ele é bonito! E a cabrinha parece que está contente de o ver! O meu cabritinho também quer ter um nome. V. Exa. há de ser a madrinha. Ora diga lá como se há de chamar o meu bicho?

D. VICÊNCIA, meditativa

Encontra-me aflita, Sr. Morgado!

MORGADO

A cabra está doentinha? Não me parece!.. Então que tem? Dar-se-á caso que estes pelintras de Cabeceiras de Basto lhe fizessem alguma? Eu estou aqui para os trazer pelas orelhas à sua presença.

D. VICÊNCIA

Não, senhor, ninguém me ofendeu. São negócios de família.

MORGADO

A senhora não esteja zangada lá pelo que disse a Pôncia. Aquilo é uma azémola que não pode ver que eu vos ame, e que vós me ameis, porque o amo dela amava-vos. Grande pateta! Meteu-se-lhe no toitiço que vós podíeis ama-lo! Pedaço de...

D. VICÊNCIA

Coitado! Parece-me um rapaz delicado o tal João Alvares!

MORGADO

Ora adeus! Aquilo é um pandilha! Tem botado a perder muita cachopa, e mulher de juízo nenhuma lhe dá trela. Depois, o que ele tem não vale oito centos mil réis. Lá esperto é ele, segundo diz o meu irmão frade; mas isto de esperteza cá pró arranjo do almoço, jantar e ceia, acho que é malhar em ferro frio. Olhe que eu mal sei escrever o meu nome; mas não sou asno. Quem ama tem o olho muito fino. Já dei fé da senhora gostar dele, e a falar-lhe a verdade, senti cá por dentro uns... uns... sim... uns, assim a modo de calafrios na espinha. (Com veemência) Em fim, o que há de dizer-se ao tarde, diga-se ao cedo... eu tenho-lhe amor de raiz! (Ajoelha aos pés de Vicência).

D. VICÊNCIA

Sr. morgado! eu estou pasmada!... Queira erguer-se! (Dá-lhe a mão, que ele beija, e aperta-lhe uma pulseira rica no braço). Que é isto? que faz?

MORGADO

Perdoai o meu atrevimento! É o coração que me obriga a estas asneiras! A paixão é cega. Chegou a minha hora de morrer de amor! Se não quereis amar-me, sê minha amiga, perdoai os meus atrevidos atrevimentos! O coração arrebenta-me de amor! Oh céus! não sei que digo.

D. VICÊNCIA

Tranquilize-se, Sr. morgado! Reconheço a nobreza das suas intenções, e não posso senão louva-las. Acho-o digno da minha estima. O meu coração é grato.

MORGADO, ajoelhando de novo

Ó Vicência amada, sê minha esposa!...

CENA III

OS MESMOS e JOÃO

(João contempla o grupo. O morgado, ao vê-lo, ergue-se)

JOÃO, entre irónico e pasmado

Dar-se-á caso que Júpiter se convertesse em boi para arrebatar a formosa Europa!

MORGADO

Você chama-me boi, ó senhor João!?

JOÃO

Pergunte à Sra. D. Vicência a explicação desta poética imagem. S. exa, como entendida em altas filosofias do amor, pode dizer-lhe quando é que fica bem a um deus do Olimpo metamorfosear-se em boi. (Contempla o cabrito).

Temos cabritinho! Era justo que Paulo e Virgínia se fizessem pastores! (Ri ás gargalhadas). Com efeito! O ridículo está tomando umas proporções assustadoras!

D. VICÊNCIA

Eu é que me não presto voluntariamente ao ridículo, senhor!

MORGADO, a D. Vicência

Ele disse-lhe alguma?

D. VICÊNCIA

Devo-lhe contas das minhas ações, Sr. João?

MORGADO

E eu também devo-lhe conta das minhas?

JOÃO

Devem contas à sociedade; porque a sociedade é o juízo inexorável dos ridículos de cada individuo da sociedade.

MORGADO

Homem, guarde lá o palavreado paras as gazetas, e não se faça menino bonito, ouviu? Esta senhora devo-lhe alguma coisa?

JOÃO

Esta senhora deve-me o que deve ao mundo: a explicação da sua irrisória inclinação!

MORGADO

Vossemecê quer policia, Sr. João!

JOÃO

Não me ameace, Morgado. Olhe que eu contra a força bruta do pulso tenho um revólver!

D. VICÊNCIA

Sempre desejo saber o que o senhor quer de mim!

JOÃO, riso sarcástico, postura solene

Aqui está o que são as mulheres românticas! As mulheres que acham poesia na cabrinha branca! As mulheres que remedam a Esmeralda de Victor Hugo! As mulheres que, alta noite, sobem aos terraços a descantar trovas à lua. As mulheres que erram na face da terra buscando coração de anjo que as compreenda! As mulheres românticas são isto! Depois de chorarem oito dias e oito noites, com saudades de um serafim que o céu lhes nega, acertam de encontrar o Morgado de Fafe e apaixonam-se dele! Nisto se resolveu o amor da cabra, o amor da lua, e o amor do anjo! Oh! miséria, vilipendio, e exemplo atroz a futuros amadores de mulheres românticas!

D. VICÊNCIA

Desprezo os seus sarcasmos da altura da minha dignidade!

MORGADO

Também eu! G cale-me o bico, que eu boto-me a perder! Você importa-lhe que a Sra. D. Vicência seja minha esposa?

JOÃO, trovejando

Importa-me desmascarar hipócritas diante de um público respeitável!

MORGADO

Você não me grite, homem!

CENA IV

OS MESMOS e PÔNCIA

PÔNCIA

Que gritaria é esta? O Sr. Joãozinho está tão amarelo! Que tem?

JOÃO

Deixe-me!

PÔNCIA, ao morgado

Que foi isto! O senhor fez-lhe alguma! Desembuche, ande!

MORGADO

Não lhe fiz nada. Ele é que está aí a botar pela aquela boca fora quanto lhe lembra. Não queria que eu estivesse a conversar com a Sra. D. Vicência. Você já viu um lorpa desta casta?

PÔNCIA

Lorpa será ele! Olha o enxovedo que vem cá chamar lorpa a um homem que tem estudos. (A João). E o menino que se lhe importa que ele converse com ela? Lé com lé, e cré com cré! Venha daí, Sr. João!

D. VICÊNCIA

Eu retiro-me! Não sirvo para estas cenas vergonhosas!

JOÃO, irónico

A senhora a falar em vergonha tem graça!... Espere! Que há de ouvir-me! (Coloca-se-lhe à frente, e ela recua para o Morgado).

MORGADO

Olhe que eu passo a vias de facto, ó seu atrevido!

PÔNCIA, agarrada ás abas do chambre de João

Não se bote a perder, Sr. Joãozinho! (Puxa-o para o lado esquerdo da cena, em quanto Vicência faz o mesmo ao Morgado).

MORGADO, arremetendo-o

Espatifo-o! Quero trincar-lhe os fígados!

JOÃO, o mesmo

Quero ensinar um bruto! Deixe-me tosquiar este camelo!

As seguintes coplas são cantadas, e ajustadas à musica do quarteio do 3° acto d «I' due Foscari». Cumpre que os adores, arremedem os trejeitos furiosos dos cantores naquele quarteto.

MORGADO só

Não te faças fino,

Que eu bem sei quem és,

Hei de pregar-te

Quatro pontapés.

JOÃO só

És quadrado zote,

És bruto indecente,

Digno da Vicência,

Vergonha da gente.

D. VICÊNCIA só

Deixemos o parvo,

Que não tem pataco;

Vem, meu Antoninho,

Não lhe dês cavaco.

PÔNCIA só

Deixemos a tola

Que falia com a lua;

Venha, Joãozinho;

Mande-os á tábua!

MORGADO só

Ai! Que eu vou-te as ventas

Sem dó nem clemencia,

Se tu me namoras

A minha Vicência.

JOÃO só

A mim faz-me nojo

Essa tal Vicência

Que te está vendendo

A vil consciência.

TODOS

Que vão bugiar

Não digas mais nada

Não demos cavaco

A tal canalhada.

Repete

CENA V

OS MESMOS, e quatro sujeitos

(Que saem dos quartos laterais embrulhados em cobertores com barretes de dormir. Entram a passo grave.)

UM SUJEITO

Que infernal bulha é está! São dez horas da manhã. Estamos no primeiro sono. E há uns alarves que vem gritar aqui sem respeito ao repouso dos seus vizinhos!

MORGADO

Os senhores não têm vergonha de virem assim diante desta senhora? (Indicando Vicência).

PÔNCIA, indicando-se a si

E desta?

MORGADO

Vão-se vestir! Tragam um casaco, se não que quiserem levar uma casaca! Recolham-se, senão vou dar parte ao regedor! Aparecerem assim diante de uma menina!

PÔNCIA, tapando o rosto com o avental

Isso é verdade!

UM DOS SUJEITOS

Respeitemos o pudor do belo sexo.

TODOS

Respeitemos. (Saem).

D. VICÊNCIA, apertando a mão ao morgado

Morgado! para a vida, e para a morte! (Sai).

MORGADO

Qual morte nem meia morte! Agora é que nós vamos viver. (Sai e volta à cena). O seu amigo, agora, se quer alguma coisa, é cá para fora! Venha daí, seja homem! (João quer sair. Pôncia agarra-o).

PÔNCIA, ao Morgado

Eu vou buscar o cabo da vassoura!...

MORGADO

Pois vai, minha jiboia!

PÔNCIA, ainda retendo João

Ah! grande bruto!... (O morgado sai).

CENA VI

JOÃO e PÔNCIA

PÔNCIA

Menino, eu estava a ver se a Sra. D. Hermenegilda dava fé desta desordem por causa da Vicência!

JOÃO

E que tinha isso? que me importa a mim a Hermenegilda?

PÔNCIA

O senhor está a ler! Então não sabe que, se Deus e S. Gonçalo de Amarante nos ajudar, o menino está aqui, e está rico a não saber o que tem de seu?

JOÃO

Não entendo! Como é isso, tia Pôncia?

PÔNCIA

Cale-se, cale-se, que já tenho esperanças de morrer contente, deixando-o nos braços da sua mulher, com uma casa farta e cheia de tudo. Hermenegilda é sua mulher, ou eu não sou Pôncia do Rosário.

JOÃO

Que está a dizer a mulher?! Pois não sabe que Hermenegilda namora o meu amigo Bernardo de Castro?

PÔNCIA

Isso está desmanchado! Mau foi eu meter-me nisto!... Tanto se lhe dá ela do Bernardo como do Morgado. O que ela quer é casar com o Sr. Joãozinho.

JOÃO

Mas eu é que não sou capaz de atraiçoar o meu amigo. A minha principal riqueza é a honra. E de mais disso, Hermenegilda é muito estúpida.

PÔNCIA

É estúpida? As espertas é que são boas, não são? Olhe lá no que deu a esperteza da Vicência! Aquela é que lhe servia, sim? Ora, Sr. Joãozinho! sempre lhe digo que essa sua cabeça é uma abobora! Levou uma lição daquela casta, e não aprendeu nada! Pelos modos, o menino vai ver se encontra outra fidúcia que tenha uma cabra, e que ande pelos telhados a botar versos aos planetas! Valha-o Deus, que está cada vez mais tonto! Sr. João, tome o meu conselho: mulher para o arranjo da vida como a D. Hermenegilda, más maleitas me apanhem, se o senhor topar outra. Não quer? O senhor torcerá as orelhas. A culpa tenho-a eu de andar metida nestas balbúrdias. Que hei de eu agora dizer à pobre menina? para além do mais fiquei de arranjar com que o Sr. Joãozinho lhe falasse hoje para se declararem um ao outro, e vai agora...

JOÃO

Ó mulher, vossemecê é mentecapta! Pois pensa que, ainda mesmo que eu quisesse casar com Hermenegilda, o pai ma dava?

PÔNCIA

Isso deixe-o pela minha conta; eu arranjarei tudo.

JOÃO

De que modo? Explique-se.

PÔNCIA

Não tenho tempo agora. Quer ou não quer?

JOÃO

Eu não sei que faça!... Você está a tentar-me, Pôncia! Sinto que se está torcendo a minha vocação! Isto é um fenómeno! Por ventura, estarei eu também corrompido! A indignidade do coração humano será contagiosa?!

PÔNCIA

O senhor está aí a pregar? Isto é pão-pão, pedra-pedra. Vou busca-la?

JOÃO

Buscar o quê?

PÔNCIA

A noiva.

JOÃO

Por fim!...

PÔNCIA

Demore-se um migalho... Oh! com a breca!... Aí vem o Bernardo, empate-o!... (Sai.)

CENA VII

JOÃO e BERNARDO

BERNARDO

Ó João, podes emprestar-me duas libras até me chegar dinheiro de casa?

JOÃO

Donde vens tu, que te não vejo há dois dias?

BERNARDO

Da espelunca. Lá comi e dormi e larguei as últimas relíquias de vinte libras.

JOÃO

E a respeito de Hermenegilda?

BERNARDO

Nem mais me lembrou a parva criatura! Aquilo não me serve, porque há de ser difícil de mover o quadrupede paternal! Mas em quanto a ela, fazes lá ideia da selvagem que ali está! Cada palavra que diz são três asneiras das que gelam o mais vulcânico amor! Deixa-a ir pro morgado, que vai para onde a destinou a natureza.

JOÃO

Decididamente não queres mais nada da Hermenegilda?

BERNARDO

Queria-lhe o chapéu que ela trouxe de Amarante para me embarcar nele para a Califórnia, em perdendo a ultima jeira do património! Dá cá as duas libras, que me foge o palpite.

JOÃO

Faz-te desarranjo vir busca-las logo? A Pôncia é que tem o dinheiro; e, se eu lho vou pedir agora, a mulher sabe que é para ires jogar, e não mo dá.

BERNARDO

Então volto logo. Vou à praia ver uma Felizarda de Atei que é menos bocal que Hermenegilda, e não é menos rica. Até depois. (Sai).

CENA VIII

JOÃO, PÔNCIA, e depois HERMENEGILDA

PÔNCIA, espreitando

Já saiu?

JOÃO

Já (Pôncia retrocede). Agora já a minha dignidade não sofre.

PÔNCIA, para fora

Venha, menina; não tenha vergonha.

JOÃO, indo receber Hermenegilda

Minha senhora, acabo de receber a agradável noticia de que v. Exa me ama, e deseja ser minha esposa. Eu não me atrevia a mostrar-lhe o igual desejo, que me domina, desde que tive a dita de a ver; mas agora, visto que os nossos corações se encontraram, saiba v. exa que eu a amo com todas às veias da minha alma.

BERNARDO, com muito pudor

Também eu.

PÔNCIA

Conversem, conversem que eu vou aqui para janela espreitar que não venha o paizinho. (Vai debruçar-se na janela).

JOÃO, dando-lhe uma cadeira

Queira sentar-se, meu amor.

BERNARDO

Estou bem de pé; é para crescer.

JOÃO

Então, por quem é, sente-se, minha querida menina. (Sentam-se ambos aproximados). Está, pois, resolvida a ser minha esposa? (Toma-lhe uma mão com meiguice, e ela retrai a mão com enfado).

BERNARDO

Não vale “bolir-me” nas mãos.

JOÃO

Ó minha senhora, peço-lhe que não se ofenda de uma ação tão inocente. Pensei que o anjo que há de ser minha esposa me consentiria que eu lhe beijasse a mão, que brevemente há de ser minha.

BERNARDO

Quando for sua, então a beijará.

JOÃO

Pois sim, minha querida. Respeito as suas vontades todas. Ora diga-me (Afiar te). Cego seja eu, se sei o que lhe hei de dizer! Ora diga-me... Tem realmente vontade de ser minha esposa?

BERNARDO

Pois eu!... se o paizinho deixar...

JOÃO

E havemos de ser muito venturosos, muito amiguinhos... (Vai a tocar-lhe a mão, que ela retira).

BERNARDO

Não bula.

JOÃO

Perdão, minha adorada; o amor faz-me imprudente... Deixe-me dizer-lhe: essa sua repugnância em se deixar acariciar, faz-me supor que me não ama.

BERNARDO

A gente pode amar sem estar a “bolir” nas mãos.

JOÃO

Diz bem, minha cara menina. A virtude é assim; e eu tão raras vezes tenho encontrado a virtude, que sinto vontade de lhe dobrar o joelho! Se me concedesse ao menos que eu a adorasse... (Ajoelha).

BERNARDO

Eu não sou santa nenhuma. Isso de que serve?..

JOÃO

Por que não me há de permitir que eu lhe beije a mão?

PÔNCIA, para fora

Deixe-lhe beijar a mão, menina; todas as noivas deixam beijar as mãos aos seus maridos.

BERNARDO

Pois então aí tem.

(Quando João lhe está beijando a mão, surge Vicência à porta do seu quarto, e solta uma gargalhada. Erguem-se).

CENA IX

OS MESMOS e D. VICÊNCIA

D. VICÊNCIA, irónica

Aqui está o que são os homens românticos! Os folhetinistas ideais de Guimarães! As almas excruciadas que se humilham aos arcanjos! Estes poetas, quando encontram a Hermenegilda da Amarante apaixonam-se dela, e mandam o seu estilo e as suas sátiras aos estúpidos de presente aos tolos! Oh! Miséria! Vilipendio! E exemplo atroz a futuras namoradas de homens românticos! (Entra e fecha a porta com força).

CENA X

JOÃO, PÔNCIA E D. HERMENEGILDA

PÔNCIA

Ouviu, ó sua bisbilhoteira?

BERNARDO

Ela que esteve a dizer?

PÔNCIA

É que endoideceu a pateta da mulher! Não faça caso.

BERNARDO

Ah! Ela está doidinha?

JOÃO

Penso que sim, minha querida.

PÔNCIA, agitada

Aí vem o Sr. Heitor. Vão-se embora, que eu fico a espera-lo aqui. (Saem).

CENA XI

PÔNCIA, depois HEITOR

PÔNCIA

Agora é que eu me vou ver em apertos! Meu S. Gonçalo de Amarante, não me desampares. (Entra licito?). Deus lhe dê muito bom dia, Sr. Heitor.

HEITOR, sem reparar nela, atravessando

Viva.

PÔNCIA

Leva muita pressa?

HEITOR

Você que tem com isso?

PÔNCIA

Queria-lhe uma palavra em particular.

HEITOR

Então que temos?

PÔNCIA

Faz favor de se sentar, que é negócio de costa arriba.

HEITOR

Negocio?! Eu não tenho negócios com você.

PÔNCIA

É negócio de família.

HEITOR

Que tem você que dizer à honra da minha casa?

PÔNCIA

Bem-dito seja o Senhor! Não tenho que dizer senão bem.

HEITOR

Então, bote cá fora o que tem no bucho.

PÔNCIA

Lá vamos, lá vamos; mas faça favor de sentar-se, que eu, se dá licença, também me sento.

HEITOR, sentando-se

Vamos a isso.

PÔNCIA

V. exa, fidalgo, é um pai como há poucos, e quer que a sua filha tenha bons créditos.

HEITOR

E a minha filha tem maus créditos?

PÔNCIA

Não tem, graças ao Altíssimo; mas é bom casa-la para que as más línguas lhe não peguem a sujar a virtude.

HEITOR

Quem é que suja a virtude da minha filha? é o Bernardo? esse patife do jogador?

PÔNCIA

Quem é que falia no Bernardo! Olha quem! Se a sua menina dava cavaco ao engrimanço! A Sra. D. Hermenegilda tem muito juízo, e sabe o que lhe convém. O marido que ela quer é outro, que só eu sei o que vale.

HEITOR

Então quem é? Pois a rapariga escolheu marido?

PÔNCIA

Foi o seu anjo da guarda que lho escolheu. Erga as mãos a Deus, fidalgo! Que genro assim não topa o senhor outro!

HEITOR

Como se chama?

PÔNCIA

Sou Pôncia do Rosário para o servir.

HEITOR

Não digo você, é ele.

PÔNCIA

Ah! O namorado da senhora sua filha? É o meu amo.

HEITOR, erguendo-se

Quem? O João Alvares de Freixedo?! Acho que bebeu de mais ao almoço, ó mulher!

PÔNCIA

Não bebi; estou muito no meu juízo.

HEITOR

Pois o seu amo, que não tem coisa que valha duas juntas de bois, e que é um troca-tintas, atreveu-se a olhar para a

minha filha?

PÔNCIA

Sr. Heitor, o meu amo não é troca-tintas, e tem uma casa que lhe dá para comer e beber à farta. O fidalgo está enganado com ele. Em quanto a sangue olhe que é do melhor de Cabeceiras de Basto, e, se não é rico, também não pede nada a ninguém.

HEITOR

Não me conte lérias. Não quero, não quero, não quero semelhante genro!

PÔNCIA

Pois não queira, Sr. Heitor; mas olhe bem o que eu lhe digo… A sua filha está ali está acolá nas ondas do mar.

HEITOR

Que diz você?

PÔNCIA

Chegue cá a orelha. (Heitor chega-lhe o ouvido, e escuta alguma coisa que o faz saltar).

HEITOR

Você está a mentir, mulher!

PÔNCIA

Oxalá que mentisse!...

HEITOR, furioso

Eu vou matar o seu amo!

PÔNCIA

Sr. Heitor, venha cá, não meta a sua alma no inferno. Olhe que a vida são dois dias. Se o mata a ele, mata a sua filha, mata-me a mim, mata-se a si, morremos todos. Oiça o que lhe diz esta velha, que tem visto muita coisa. Deixe casar sua filha, que tapa as bocas do mundo. Olhe que ela bota-se a afogar, em sabendo que v. Exa sabe da sua desgraça. Lembre-se que aquele anjinho de perfeição não se fez para o comerem os peixes. Em bom pano cai uma nodoa, e o casamento é a melhor barreia destas nodoas. Daqui a pouco, o fidalgo há de ser tão amigo do seu genro e dos seus netinhos que ainda me há de dizer: «Ó Pôncia, tu fostes um anjo que me apareceste!» Sr. Heitor, lembre-se que está com os pés na cova, e que a sua filha não lhe fecha os olhos, se v. Exa a não deixa casar.

HEITOR, bufando aflito

Isto é de dar cabo de um homem!...

PÔNCIA, muito meiga

Sr. Heitor! Tenha paciência, que tudo se remedeia com o casamento. O Sr. Joãozinho ainda há de vir a ser um grande homem! Olhe que ele já serviu três anos de juiz ordinário em Cabeceiras de Basto, e fala-se em que vai para deputado, e ele já disse que, em sendo deputado, não volta à terra sem vir comendador ou barão! Sr. Heitor, tenha alma! Dê o sim a sua filha, e veja as minhas lagrimas!

HEITOR, consigo

Que hei de eu fazer-lhe!... Não tenho senão aquela!... Maldita hora em que vim à Foz!...

PÔNCIA

Não diga isso que é pecado. Isto já assim veio talhado lá de cima, fidalgo. Vou dar-lhe a boa notícia? Vou?

HEITOR

Não lhe diga nada; vá-se embora; deixe-me pensar.

PÔNCIA, saindo

Caiu na ratoeira! Eu sempre sou uma grande mulher!

CENA XII

HEITOR e MORGADO

MORGADO

Que estás aí a fazer tão casmurro, ó primo?

HEITOR

Deixa-me que estou para dar um estoiro!

MORGADO, à parte

Há de ser por eu lhe não casar com a filha! (Heitor ergue-se e passeia muito agitado).

HEITOR

Pra que vim eu à Foz! A rapariga estava tão sossegada lá em riba! Andava tão alegre a cantar lá pelos soutos, e a tratar dos perus e dos patos! Era a minha alegria vê-la a fazer a barreia com as criadas!... Ai! que eu arrebento!

MORGADO, à parte

Não me enganei. (Alto) Primo Heitor, eu vou-te a dizer o que sinto, e tem paciência. Eu não caso com a tua filha, porque aquela cabeça não regula bem. Tu já sabes o que aconteceu. Um homem, que casa deve olhar ao futuro, e atirar com o coração para traz das costas, quando a coisa lhe não bacoreja. A falar-te a verdade, depois que a tua filha começou a malucar, eu voltei-me para D. Vicência, e ela caiu-me no goto. Fiz-lhe dois dedos de namoro, e conheci que ela me tinha amor de dentro. Dei-lhe a minha palavra de casar com ela, e agora não tenho remedio senão leva-la à igreja.

HEITOR

Pois leva, e deixa-me, homem! Tu não sabes o que eu tenho!

MORGADO

Sei que tens boa casa; mas eu para viver à farta, graças a Deus, também tenho. Eu, se casasse com a tua filha, não era pelo amor do dote, ouviste?

HEITOR

Quem te fala nisso, homem? A minha filha deu em droga. Agora não há remedio senão casa-la.

MORGADO

Deu em droga! Põe lá isso em miúdos!

HEITOR

Não me perguntes nadai Vai tratar da tua vida!

CENA XIII

OS MESMOS, D. HERMENEGILDA, JOÃO e PÔNCIA

PÔNCIA, para fora

Faça como eu lhe ensinei. Veja lá!...

BERNARDO, entrando, e indo ajoelhar aos pés do pai

Sr. paizinho! Eu quero casar com o Sr. João Alvares.

HEITOR

Ingrata filha! fizeste-la boa!... Podes limpar as mãos à parede! Foi para isso que eu te trouxe a banhos do mar. Que fizeste, Hermenegilda!

BERNARDO

Eu não fiz nada! Se o paizinho me não deixa casar, vou-me botar ao mar!

JOÃO, ajoelhando ao lado dela

Sr. Heitor Falcão, os culpados são dois, devem ser duas as vítimas da sua justiça. Castigue-me a mim, e poupe a sua virtuosa filha, que está inocente.

HEITOR

Não está má a virtude! Ponham-se a prumo. Não quero cá ninguém de joelhos como nas comédias.

MORGADO, rindo muito

Eu estou pasmado do que vejo! Que manfarrico de embrulhada é esta!?

PÔNCIA

De que está a rir-se este peludo?

MORGADO, sério

Olhe que eu dou-lhe um tapa olho, sua lagarta.

PÔNCIA

Pois não deste! Venha para cá!...

HEITOR, a Hermenegilda

Com que então queres casar com este sujeito?

BERNARDO

Pois eu!...

HEITOR

Pois tu!... Ah! Velhaca, que parecias uma lorpa, e enganaste-me!... Casem, casem. Lá se avenham.

JOÃO

Permita que eu lhe beije a mão, e lhe dê o doce nome de pai.

PÔNCIA, a Hermenegilda

Vá a menina pelo outro lado, e faça o mesmo.

BERNARDO

Permita que eu lhe beije a mão, e lhe dê o doce nome de pai.

MORGADO, gargalhando

Ai! Que comedia! Isto é perdido em pouca gente!

CENA ULTIMA

OS MESMOS, D. VICÊNCIA, BERNARDO e os sujeitos dos cobertores

D. VICÊNCIA, saindo do seu quarto

Que bulha, que bulha fazem!

(Os sujeitos saem dos quartos laterais).

UM SUJEITO

Não é possível dormir nesta infernal casa!

MORGADO

Calem-se lá, seus indecentes! D. Vicência, veja isto, veja isto! O amigo João vai casar com a menina da Amarante!

D. VICÊNCIA

Não me espanto!...

PÔNCIA

Nem se deve espantar.

MORGADO

Quem te chamou cá, ó abelha-mestra?

PÔNCIA

Ninguém; vim eu responder àquela senhora, que é muito esperta.

MORGADO

E tu és muito bruta.

BERNARDO, à parte a João

Tu agora podes emprestar-me cem libras a ver se me desforro?

JOÃO

Isso não é para aqui. Fala-me amanhã.

MORGADO

Oiçam lá, que vai falar um homem! Estão feitas as pazes! São dois casamentos no mesmo dia, e daqui vamos comer as assaduras a minha casa. D. Vicência. A minha adorada esposa, tu hás de ensinar a prima Hermenegilda a falar francês.

JOÃO

Não quero que a minha mulher saiba francês... Muito obrigado!

MORGADO

Pois eu vou aprender francês, e depois vamos viajar. Para o ano hei de ir a Lisboa mostrar quem é o Morgado de Fafe; e as lisboetas hão de ficar de boca aberta, quando virem a minha mulher.

FIM